

A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS EM SANTO AGOSTINHO¹

Diana Maria Souza Martins Bazilio²

Resumo: Esse artigo busca analisar o método de interpretação das Escrituras utilizado por Santo Agostinho, bem como a forma com que ele visa organizar sua semiótica ao fazer uso da alegoria e expressar o termo *signum* em *A Doutrina Cristã*. Diante disso, o presente artigo propõe-se em analisar como o conceito de *signum* em Agostinho aparece nos escritos *De sermone Domini in monte* [O Sermão da Montanha], Livro 1, nos *Escritos sobre a fé* e em Mateus 5,1-12. Embora estas obras sejam distintas, ambas se destacam por seguir os padrões hermenêuticos Agostianos, visando alcançar os sentidos mais amplos dos textos sagrados.

PALAVRAS-CHAVE: ALEGORIA. INTERPRETAÇÃO BÍBLICA. *SIGNUM*. TIPOLOGIA.

Abstract: This article seeks to analyze the method of interpreting the Scriptures used by Saint Augustine, as well as the way in which he aims to organize his semiotics when using allegory and expressing the term *signum* in *The Christian Doctrine*. In view of this, the present article proposes to analyze how the concept of *signum* in Augustine appears in the writings *De sermone Domini in monte* [The Sermon on the Mount], Book 1, in the Writings on faith and in Matthew 5,1-12. Although these works are distinct, both stand out for following Augustan hermeneutical standards, aiming to reach the broadest meanings of the sacred texts.

KEYWORDS: ALLEGORY. BIBLICAL INTERPRETATION. HERMENEUTICS. *SIGNUM*. TYPOLOGY.

INTRODUÇÃO

Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), nascido em Tagaste (Numídia), foi um dos pensadores mais influentes do final da antiguidade clássica, considerado como o autor da mais bem elaborada síntese do saber do mundo antigo e, no campo da semiótica, como quem deu impulso a tradição de interpretação alegórica que fundamenta a visão de mundo que dominará toda tradição medieval³. Agostinho é reconhecido como pensador de grande influência em seu tempo esteve comprometido com a comunidade cristã e suas obras e vida se tornaram referenciais da doutrina cristã, sendo considerado como pai fundador da semiótica moderna⁴. Sua conversão ao cristianismo se dá na cidade de Milão⁵ e se baseia na influência de Santo Ambrósio, bispo da mesma cidade. A inspiração em Santo Ambrósio, que se tornou seu amigo

¹ Artigo desenvolvido como parte do projeto de Iniciação Científica da Faculdade Unida de Vitória - ES, “Os Pais da Igreja e a interpretação alegórica das Escrituras Sagradas” (EDITAL FAPES Nº 09/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e de Inovação do Espírito Santo – PIBICES 2023).

² Graduanda em Teologia, Faculdade Unida de Vitória - ES.

³ DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 54-59; ZABATIERO, Julio; ADRIANO FILHO, José; SANCHEZ, Sidney. *Para uma Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 33.

⁴ KING, Peter. “Agostinho sobre a linguagem”. In: MECONI, David V.; STUMP, Eleonore (orgs.). *Agostinho*. São Paulo: Ideias & Letras, 2016, p. 355.

⁵ BROWN, Peter. *Agostinho de Hipona: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2020, p. 85.

e mestre, contribuiu para modelar sua interpretação alegórica das escrituras, orientar sua visão de mundo e seu pensamento filosófico. Suas reflexões filosóficas e sua paixão pelo conhecimento desempenharam papel fundamental em sua abordagem interpretativa das escrituras.

A respeito do método alegórico usado por Santo Agostinho, podemos dizer que ele faz uso de alegoria tipológica e junto a isso propõe que a leitura das escrituras se dê somente por meio do uso da fé, ou seja, o pressuposto de entender é crer e só será possível a leitura dos textos santos por meio dela. Levando em consideração que é preciso “crer para entender”, em Agostinho a Bíblia é um documento divino e a voz de Deus é interpretada em harmonia com o sentido literal e alegórico. Agostinho deu impulso a tradição da interpretação alegórica das Escrituras. Segundo ele, sem o uso e conhecimento e uso das categorias de *signum*⁶ (“signo” - “sinal”) não conseguiremos perceber que algo pode significar além de si mesmo, ou seja, além de seu sentido literal. Ao longo desse artigo, ficará claro as formas com que os padrões tipológicos interpretativos de Agostinho se repetem em *A Doutrina Cristã* e estão presentes em *De sermone Domini in monte* [O Sermão da Montanha], no Livro 1, e nos *Escritos sobre a fé*.

1- O contexto de Agostinho e o conceito de interpretação alegórica

Agostinho é o último dos escritores cristãos clássicos e o precursor da teologia medieval, representando o final de uma era e o início de outra. A fonte para conhecer sua juventude e conversão se dá no livro de suas *Confissões*⁷, uma autobiografia que nos auxilia a perceber como seus métodos e teologia é moldada pelos traços de sua vida e história. Na procura pela verdade Agostinho se encontrou com o Maniqueísmo, uma doutrina que mantém o antigo padrão gnóstico de tentar oferecer uma resposta aos mistérios da condição humana com uma revelação que permita conhecer a origem divina e liberte das amarras da matéria, acreditando que o espírito humano é parte da substância divina e deve retornar para ela, a fim de completar seu destino. O Maniqueísmo conseguiu deter a confiança de Agostinho⁸ que se manteve no Maniqueísmo por nove anos⁹ atraído por uma explicação racional do universo, até

⁶ *Signum* é o termo latino que se traduz como sinal. Nesse artigo, trabalharemos esse conceito e faremos uso das expressões “signo” e “sinal” segundo nos pareça mais apropriado para melhor abordar os fatos a serem expostos.

⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina S. J. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

⁸ GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*. Trad. Paulo Arantes; Vanuza Helena. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 18.

⁹ *Confissões* 3.11.

que, por desapontamentos, perdeu a fé nessa religião. Após isso muda-se para Milão torna-se adepto ao neoplatonismo¹⁰ e, por meio da influência do de Ambrósio e de seu professor Simplício, torna-se cristão. Agostinho demonstrou que a filosofia poderia contribuir para compreensão mais profunda da verdade revelada; os autores da patrística¹¹ se destacam por seus métodos alegóricos de interpretação dos textos literários, sobretudo Agostinho, ensinando que a Bíblia deve ser lida de forma alegórica e em harmonia com sentido literal.

O *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* define que alegoria é o procedimento poético e retórico, pelo qual se diz uma coisa e significa outra. Em sua forma etimológica no grego *allegoría* significa “dizer outras coisas”¹², ou seja, a alegoria é um processo hermenêutico onde se amplia os significados de um determinado texto, para adquirir novos significados. João Adolfo Hansen explica que “o verbo grego *állegorein* tanto significa ‘falar alegoricamente’ quanto ‘interpretar alegoricamente’”¹³. A história da interpretação alegórica das escrituras remete-nos aos períodos das leituras de Homero do período clássico grego. A alegoria como recurso retórico começou a se impor para defender e justificar ponto de vistas filosóficos, como o Mito da Caverna de Platão, que usa a alegoria para exemplificar como a alma passa do estágio de ignorância para a verdade.

A alegoria, fundamental para conservar os discursos culturais e históricos das mitologias gregas, foi utilizada nos ambientes judeus-helenistas, especialmente por Fílon de Alexandria (20 a. C.- 50 d. C.), para interpretar o Antigo Testamento, tornando-o proporcional às demandas filosóficas e morais dos leitores gregos. Filon de Alexandria, por meio de seus métodos alegóricos de exegese das Escrituras Judaicas, foi um dos influenciadores dos métodos de interpretação no cristianismo. Suas ideias foram absorvidas pelos Pais da Igreja, que incorporaram seus ensinamentos e conhecimentos ao cristianismo¹⁴.

¹⁰ Sua herança neoplatônica o permitiu ver um sistema de símbolos que por meio de um universo visível lhe possibilitou descobrir as realidades celestes.

¹¹ Patrística é o nome que se dá ao estudo dos textos e obras dos chamados Pais da Igreja, líderes e teólogos que foram responsáveis pelo desenvolvimento da estrutura e do pensamento do Cristianismo nos primeiros séculos da história da Igreja. ZABATIERO, Júlio. *Práticas Hermenêuticas na Escritura, Patrística e Idade Média*. São Paulo: Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2011, p. 24.

¹² SIMONETTI, M. “Alegoria”. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 66-67.

¹³ HANSEN, JOÃO ADOLFO. *Alegoria: Construção e interpretação metáfora*, São Paulo: Editora da Unicamp, 2006, p. 8.

¹⁴ KELLY, J. N. D. *Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1994, p 44.

Os Pais da Igreja ocuparam-se em ler as coisas como *figuras* alegóricas e não as palavras que as representam¹⁵. Hansen afirma que a alegoria hermenêutica cristã é uma ‘semântica’ de realidades reveladas pelas coisas representadas pelas palavras, não importa sejam palavras de sentido próprio ou figurado”¹⁶. Distanciando-se das formas clássicas de alegorias, a tipologia é um princípio interpretativo, onde o Antigo Testamento é figura para construção interpretativa do Novo Testamento. Erich Auebarch afirma que este “tipo de interpretação tinha como objetivo mostrar que todas as pessoas e acontecimentos do Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção”¹⁷.

Nas interpretações patrísticas, o método interpretativo de vincular um testamento ao outro era comum. Agostinho utiliza essa relação tipológica junto com a categoria de *signum* em *A Doutrina Cristã* e *De sermone Domini in monte*. Esses métodos estão presentes na medida em que coisas na Antiga Lei significam coisas na Nova Lei. No caso da leitura cristã da Bíblia, a alegoria estava vinculada a necessidade de tornar atual o sentido do texto bíblico, destacando-se seu sentido relativo ao culto e a devoção. Quando apresentava dificuldades hermenêuticas, o parâmetro de avaliação deveria descrever o texto bíblico a luz da doutrina cristã¹⁸.

Admitindo a inspiração das escrituras, a Igreja precisou desenvolver os métodos de exegese a serem usados em sua interpretação, uma vez que considerava o Novo Testamento uma continuação daquilo que está no Primeiro Testamento. Segundo Agostinho, “No antigo testamento, o Novo está encoberto; No Novo, o Antigo é revelado”, justificando a unidade teológica do Antigo e do Novo Testamento. O cristianismo já existia bem antes de seus confrontos com a filosofia grega¹⁹ e os mais antigos escritores cristãos chamados de Padres Apostólicos (c. 90-160 d.C.) estavam mais preocupados com questões pastorais, de modo que os seus escritos manifestam pouco interesse pelas escolas filosóficas de seu tempo. Agostinho, no entanto, foi o exemplo de que fé e razão poderiam ser consideradas compatíveis, em um cenário de embates entre o cristianismo e o pensamento grego. Como quer que seja, a interpretação alegórica culmina, na Idade Média, no que é chamado de “alegoria dos poetas” e “alegoria dos teólogos”. A alegoria dos poetas se destaca por sua posição retórica em um

¹⁵ HANSEN, 2006, p. 91.

¹⁶ HANSEN, 2006, p. 92.

¹⁷ AUEBARCH, Erich. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 23.

¹⁸ ZABATIERO, 2011. p. 26-27.

¹⁹ DE SIMONE. R.J. “Filosofia e os Padres”. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 577-578.

procedimento construtivo, técnica metafórica de representar e personificar abstrações. A alegoria dos teólogos se distingue por ²⁰.

2- A Doutrina Cristã e o conceito de alegórico de *signum*

Agostinho começou a escrever *A Doutrina Cristã* no início de seu episcopado, em 397, tendo levado 30 anos para que a obra viesse a ser finalizada. *A Doutrina Cristã* se caracteriza por ter um prólogo e quatro livros, é um manual de exegese e hermenêutica bíblica e um tratado de retórica cristã. Sua finalidade não era apenas de alcançar o clero, mas também ser um apoio pedagógico que revelam as preocupações pastorais de Agostinho como bispo, com abordagens que contribuem com toda comunidade de cristãos. O livro I é uma introdução de ordem dogmática e moral, fazendo distinção entre o conhecimento das coisas (*doctrina rerum*) e o conhecimento dos sinais (*doctrina signorum*). O livro II desenvolve a semiótica de Agostinho, as escrituras como um conjunto de sinais e como estes devem ser interpretados. O livro III trabalha as regras de interpretação e procura resolver as dificuldades diante das ambiguidades nas interpretações. O livro IV desenvolve a princípios de oralidade do pregador cristão.

No Livro I Agostinho explica que todo conhecimento se estende sobre as coisas (*de rebus*) ou sobre os sinais. Nesse contexto, ele se debruça sobre o estudo das coisas e das realidades a serem descobertas por meio delas. Agostinho fornece o duplo objetivo de *A Doutrina Cristã*: como se realiza a descoberta da verdade (*modus inveniendi*) e como a descoberta da verdade deve ser exposta (*modus proferendi*), sobretudo deixando claro que a suprema coisa a ser descoberta é Deus Trindade²¹. Para Agostinho, “Há duas coisas igualmente importantes na exposição das Escrituras: a maneira de descobrir o que é para ser entendido e a maneira de expor com propriedade o que foi entendido”²².

Ao perceber as duas coisas que são importantes ao expor as Escrituras, é possível identificar que o autor fará o uso da categoria de *signum* ou “sinais”, que é tudo o que se emprega para significar alguma coisa além de si mesmo. Agostinho elabora como se realiza a descoberta da verdade e depois explica qual o modo de expor a verdade descoberta. Sendo assim, no início do Livro I é possível identificar que ele fará uso da categoria de *signum* quando procura buscar significado para além do sentido literal da sua própria afirmação “naquele em

²⁰ HANSEN, 2006, p. 8.

²¹ Agostinho estuda Deus como ser inefável, vida e sabedoria, imutável e eterno, centro de amor de toda criatura racional. AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 14.

²² AGOSTINHO, 2002, p. 41.

quem tem recebido muitas luzes”: “Mas toda a minha esperança de levar a bom termo esta obra repousa naquele de quem tenho recebido muitas luzes sobre este tema, na meditação. E não duvido de que ele me concederá as luzes que me faltam quando tiver começado a partilhar o que me concedeu”²³.

Ao definir como se realiza a descoberta da verdade e como esta deve ser exposta, condiciona-se que existe um ser transcendente que concede luzes ao entendimento de quem partilha as Escrituras, ou seja, como nos Pais Apostólicos o pressuposto para entender é crer, visto que é preciso crer que um ser superior dará inspiração ao interpretar os textos sagrados. Agostinho, então, afirma que as “luzes” são conceitos necessários para que ao partilhar os textos os significados neles contidos não se esgotem. Para que um texto não se esgote em seus significados, ele não só assume que existe inspiração divina, como os autores da patrística, mas utiliza também a categoria de *signum*. Quando o texto não se esgota, o resultado é que as coisas são conhecidas em seu sentido mais extenso, possibilitando conhecer novos significados²⁴.

A ideia de “luz” para interpretação das Escrituras é uma característica da inspiração divina, onde o autor nos convida a um olhar além da superfície das palavras. No conceito de *signum*, no qual uma palavra pode obter diversos significados, a proposta é que se busque ir além das ações nas Escrituras, examinando a intenção por trás das letras. O uso da categoria de *signum* assume o lugar de “luz” para interpretação alegórica das passagens obscuras. Ao se conhecer os significados por meio dos sinais percebemos que, para Agostinho, a forma com que as Escrituras devem ser reveladas tem como base o conceito de signo. Ele afirma também que a interpretação das passagens obscuras das Escrituras se dá no conhecimento de outras partes da Escritura. As escrituras esclarecem as escrituras: “Mas, na verdade, quase nada sobressai nessas obscuridades que não esteja mais claramente expresso em outro lugar”²⁵.

Dessa forma a “luz” divina é uma ferramenta de destaque nas mãos do hermenauta e exegeta na experimentação dos textos, afim dar a eles novos significados. A luz se faz necessária para penetrar nas passagens obscuras das Sagradas Escrituras e os signos desempenham papel de destaque nesse aspecto. Agostinho foi o primeiro a reconhecer que a linguagem é um sistema de signos²⁶. Em Agostinho, palavras são signos e signos são, portanto, a forma que utilizamos a linguagem para transmitir um significado as coisas, comunicando o

²³ AGOSTINHO, 2002, p. 41.

²⁴ AGOSTINHO, 2002, p. 42.

²⁵ AGOSTINHO, 2002, p. 89-91.

²⁶ KING, 2016, p. 355.

que está para além de si mesmo, o que não se esgota e faz com que as coisas sejam conhecidas em seus sentidos mais amplos (I. 2.2).

Mas as coisas são conhecidas por meio dos sinais. Portanto, acabo de denominar coisas a tudo o que não está empregado para significar algum outro objeto como, por exemplo, uma vara, uma pedra, um animal ou outro objeto análogo. Não me refiro, contudo, àquela vara da qual lemos que Moisés atirou às águas amargas para diluir sua amargura (Ex 15,25). Nem à pedra que Jacó pôs debaixo da cabeça, como almofada (Gn 28,11). Nem àquele cordeiro que Abraão imolou no lugar de seu filho (Gn 22,13). Esses objetos, de fato, são coisas, mas nas circunstâncias mencionadas tornaram-se ao mesmo tempo sinais de outras coisas.²⁷

Agostinho argumenta sobre a importância dos sinais no que diz respeito a exposição das Escrituras e, dessa forma, podemos admitir que existe relação entre o conceito de *signum* e a alegoria tipológica por ele usada. Percebe-se que ocorre uma analogia entre uma coisa que aponta para outra coisa, ou seja, as prefigurações tipológicas acontecem como *signum*. Coisas são sinais e, assim, por trás do sentido literal ocorre a história eterna e alegórica em que o “tipo” dá lugar ao antítipo e o presente seria cumprido no futuro²⁸. Os objetos mencionados, a depender das circunstâncias, tornam-se ao mesmo tempo sinais de outras coisas, ou seja, prefigurações de algo a ser revelado.

Vemos que as Escrituras interpretam as Escrituras e as coisas são conhecidas pelos sinais que representam. Essas coisas, variando o momento e estações que são mencionadas, podem ter seus significados mudados, pois o conceito de *signum* leva-nos a perceber as dimensões que uma determinada coisa pode tomar em seus mais diversos significados. Modesto Carone menciona que para Agostinho a Arca de Noé pode representar “uma prefiguração da Igreja e Jacó e Esaú a figura dos dois povos: judeus e cristãos”²⁹. Essa afirmação exemplifica que o conceito de *signum* está ligado aos conceitos de prefigurações presentes nas abordagens tipológicas; diante dos fatos as palavras seriam sinais cujos significados são estabelecidos quando elas se referem a coisas.

Os sinais assumem papel de relevância por trás das coisas, onde todo sinal é alguma coisa, porém, nem toda coisa é um sinal:

²⁷ AGOSTINHO, 2002, p. 42.

²⁸ ZABATIERO, 2011, p. 25.

²⁹ CARONE, Modesto. “Um roteiro do Conceito de Figura”. In: AUERBACK, Erich. (org.). PAIXÃO, Fernando. (ed.). *Figura*. São Paulo: Ática, 1997, p. 8.

O uso da tipologia era bem mais intenso, de modo que o Antigo Testamento era interpretado à luz dos ensinamentos do Novo, e este à luz das doutrinas da Igreja (por exemplo, após a definição da doutrina da Trindade, mesmo textos bíblicos que não se referiam à Trindade passavam a ser interpretados à luz dessa doutrina, tais como o plural em Gn 1,26, ou as menções ao Anjo do Senhor no Pentateuco, que era visto como o próprio Jesus, etc.).³⁰

Agostinho visa sempre identificar, nas prefigurações e nos conceitos de *signum*, Deus, a Trindade, de modo que os sinais nas suas interpretações visam encontrar Cristo.

3- A interpretação do conceito e uso de *signum* em *A Doutrina Cristã*

A teoria de interpretação de Agostinho indica que não podemos compreender as Escrituras sem os signos, que podem ser sinais naturais, sinais convencionais ou sinais verbais³¹. Para Hansen, “(...) se as coisas podem ser consideradas signos na ordem da natureza, é porque são signos na ordem da revelação. Os termos das Escrituras designam coisas, homens e acontecimentos e estes, por sua vez, significam verdades morais, místicas, escatológicas”³². Os signos empregam um significado para além de seu tempo, espaço ou lugar. Hansen afirma também que em *A Doutrina Cristã* Agostinho lança seus elementos teóricos tipológicos, de forma que seu texto possui traços do dualismo neoplatônico, que opõe mundo sensível e inteligível. Deus fala por meio das coisas, que são signos, a linguagem humana produz signos das coisas e, desta maneira, signo de signos³³. Nos textos sagrados a letra é responsável por expor os fatos; a alegoria, por meio dos signos, expõe o que devemos crer e compreender (Livro II, 1,1,1):

O sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta. Assim, por exemplo, quando vemos uma pegada, pensamos A que foi impressa por animal. Ao ver fumaça, percebemos que embaixo deve haver fogo. Ao ouvir a voz de um ser animado, damos conta do estado de seu ânimo³⁴.

Os seres humanos possuem cinco sentidos tradicionalmente conhecidos - visão, audição, tato, paladar e olfato -, mas mais do que produzir um único significado, o sinal aguça os sentidos do ser humano, promovendo por meio deles outros significados. Um sinal pode possuir várias facetas e os receptores processam as informações recebidas pelos sentidos, assimilam as características desses sinais a possíveis significados que conduzem o ser humano

³⁰ ZABATIERO, 2011, p. 26;

³¹ AGOSTINHO, 2002, p. 86-87.

³² HANSEN, 2006, p. 109.

³³ HANSEN, 2006, p. 109.

³⁴ AGOSTINHO, 2002, p. 85.

para um universo cheio de sentidos. O sinal não se prende ao texto escrito, podendo se manifestar em esferas culturais e formas artísticas como pintura, escultura, arquitetura e cinema e outras expressões. Através dos sinais o que está em oculto é manifesto. Eles são responsáveis por tecer o imaginário do observador, são frutos das coisas, como a fumaça que pressupõe fogo, podendo ser tanto fogo de um objeto decorativo ou de um incêndio de grandes proporções³⁵.

Os sinais estão divididos entre os naturais, convencionais e os sinais verbais. Os signos naturais são aqueles que “sem intenção nem desejo de significação, dão a conhecer, por si próprios, alguma outra coisa além do que são em si”³⁶. Os sinais verbais representam a forma como “os homens comunicam entre si o que sentem, alguns pertencem ao sentido da vista, a maioria ao da audição, bem poucos aos demais sentidos. Efetivamente, ao fazer um sinal com a cabeça, damos somente sinal aos olhos da pessoa a quem queremos comunicar a nossa vontade”³⁷. A respeito da classificação dos sinais verbais (próprios ou figurados), eles são conhecidos por meio das palavras, as palavras possuem sinais que lhe são próprios, possuindo assim características peculiares. Sobre isso, Agostinho comenta: “Assim, as palavras manifestam-se aos olhos não por elas próprias, mas pelos sinais que lhe são próprios”³⁸.

Além dos sinais naturais e sinais convencionais, também temos a classificação dos sinais em sinais ignorados ou figurados, quando a verdade se encontra oculta por signos desconhecidos ou por signos figurados estes podem ser descritos como, signos próprios ou figurados: “São chamados próprios quando empregados para designar os objetos para os quais foram convencionados. Por exemplo, dizemos: boi, e relacionamos com o animal que todos os homens de língua latina denominam por esse nome”³⁹. Os signos figurados ou metafóricos refletem as formas em que encontramos ambiguidades nas Escrituras e oferecem duplo sentido, pois possuem seu nome próprio e podem significar algo diferente. Tal ambiguidade se deve aos termos utilizados em seus sentidos próprios e figurados:

Por exemplo, dizemos: boi e por essa palavra entenderemos o animal que se costuma chamar por esse nome e, além disso, entenderemos que se alude ao pregador do evangelho, conforme o deu a entender a Escritura na interpretação do Apóstolo, que disse: “Não amordaçarás o boi que tritura o grão” (1 Cor 9,9)⁴⁰.

³⁵ ZABATIERO; ADRIANO FILHO, SANCHEZ, 2011, p. 36-37.

³⁶ AGOSTINHO, 2002, p. 86.

³⁷ AGOSTINHO, 2002, p. 87.

³⁸ AGOSTINHO, 2002, p. 88.

³⁹ AGOSTINHO, 2002, p. 88.

⁴⁰ AGOSTINHO, 2002, p. 99.

A palavra “boi” no exemplo mencionado é um termo literal (próprio) quando caracteriza a coisa para a qual foi instituída, ou seja, o animal. O termo “boi” ganha um novo significado, ou seja, torna-se um signo figurativo quando é empregada para significar alguma coisa além do sentido literal, isto é, quando é utilizada nas Escrituras com o significado de um evangelista. Carina Kilian e Jorge Alberto Molina explicam: “Agostinho desenvolveu princípios de interpretação que hoje são corriqueiros tanto dentro da semântica linguística quanto da filosófica: a ideia de que as palavras não devem ser tomadas isoladas, mas no seio de um discurso, a importância do contexto cultural para sua interpretação, a ideia de que os tropos e figuras não são apenas um enfeite do discurso, mas têm também um valor cognoscitivo”⁴¹. Diante disso, vale ressaltar que os signos devem ser utilizados das formas corretas e dentro do contexto para que ocorra uma correta interpretação.

4- O *signum* em *A Doutrina Cristã, De sermone Domini in monte* [O Sermão da Montanha], Livro 1 e nos *Escritos sobre a fé*

A interpretação alegórica das Escrituras trata o texto como fonte de verdades espirituais, o método alegórico de interpretação embora atue em harmonia com o sentido literal, este por sua vez, ocupa lugar secundário na exposição das sagradas escrituras, sendo o objetivo do exegeta, trazer à tona o propósito místico e teológico dos textos. Na explicação de Santo Agostinho do sermão denominado *De sermone Domini in monte* [O Sermão da Montanha], ele descreve o motivo de escolher esse sermão como um programa perfeito de vida cristã, destinado à direção dos costumes e alcance da plenitude da perfeição da vida cristã. Ele refere-se a uma obra de sua juventude que revela o seu amor pelas escrituras e fez esse sermão é o primeiro sobre seus trabalhos sobre o Evangelho: “Afirmo tudo isso para tornar claro que esse sermão contém todos os preceitos de perfeição, próprios a guiar a vida cristã”⁴². O Livro 1 refere-se às cinco primeiras bem-aventuranças, relacionadas à vida ativa. O conceito de *signum* se faz em diversos momentos e destacaremos alguns pontos da sua interpretação.

Agostinho destaca-se ao fazer uso do Antigo Testamento para ressaltar os sinais, de modo que as Escrituras interpretam as Escrituras, ou seja, ele está dirigindo sua exegese por meio da *tipologia*. O conceito de *signum* utilizado inicia-se na figura de Cristo no monte, cuja

⁴¹ KILIAN, Carina; MOLINA, Jorge Almeida. Observações sobre a semiótica de Santo Agostinho. *Sapere aude*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 425-442, 2018.

⁴² AGOSTINHO, Santo. *O Sermão da Montanha e Escritos sobre a fé*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 22. Coleção Patrística.

interpretação de Agostinho em Mt 5, 1-12 começa dizendo: “Se me perguntarem o que significa esse monte, responderei que pode muito bem representar a superioridade dos preceitos da nova justiça em comparação com a antiga lei judaica”⁴³. A figura de Jesus na montanha é vista por Agostinho como sinal para algo muito maior do que si mesmo, no que tange a sua estrutura sólida e rochosa. Ao discorrer sobre esse assunto, Peter King descreve que “a primeira percepção para entender a semântica de Agostinho é perceber que os sinais têm intencionalidade, pois “todo sinal é sinal de alguma coisa”⁴⁴. O monte é visto como lugar em que o Mestre se assenta para ensinar e se torna um sinal na relação com a figura de Jesus, representando a nova justiça que é possível acessar por meio dele. Os ensinamentos de Jesus também se tornam sinais para expor seu perfil como mestre perfeito: “O Senhor ensina sentado, o que corresponde à dignidade de seu magistério”⁴⁵.

Agostinho faz uso do Antigo Testamento para dar ênfase a perspectiva do monte: “a tua justiça é como os montes de Deus”. Para ampliar o seu discurso, Agostinho faz uso do conceito de *signum* e tipologia, “uma técnica para estabelecer a correspondência entre os dois testamentos, tendo como princípio orientador a ideia de que os acontecimentos e personagens do Antigo Testamento eram ‘tipos’, isto é, prefigurações e antecipações dos acontecimentos e personagens do Novo”⁴⁶. O uso do Antigo Testamento ocorrerá outras vezes e servirá para dirigir os padrões interpretativos descritos. A figura do monte é reflexo do conceito de *signum*. No Sermão do Monte Jesus inaugura uma nova justiça que será maior que as leis judaicas.

A primeira bem-aventurança: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3), permite-nos visualizar como Agostinho faz uso dos sinais. Os “pobres em espírito” são vistos como os que temem a Deus, que visam nele sabedoria e assumem a posição de humildade. Eles são intitulados dessa forma e nomeiam aqueles que não têm soberba, mas são humildes e pacíficos; pobreza de espírito é sinônimo de isenção de orgulho e vaidade: “O princípio da sabedoria é o temor de Deus”, refere-se ao Antigo Testamento, sendo um reflexo da tipologia agostiniana. Agostinho afirma:

Logo, com razão se entende aqui que são pobres de espírito os humildes e tementes a Deus, isto é, os desprovidos de todo espírito que incha. Essa bem-aventurança não poderia ter sido iniciada de outro modo, porque ela deve fazer-nos chegar à suma sabedoria, e que: “O princípio da sabedoria é o temor de Deus”. Enquanto, pelo contrário, “O princípio de todo o pecado é a soberba”. Desse modo, que os soberbos

⁴³ AGOSTINHO, 2017, p. 22.

⁴⁴ KING, 2016, p. 358.

⁴⁵ AGOSTINHO, 2017, p. 22.

⁴⁶ KELLY, 1994, p. 52.

apeteçam e procurem os reinos da terra, mas “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”⁴⁷.

A humildade e o temor a Deus são princípios para as bem-aventuranças e a sabedoria é fruto do temor. A próxima bem-aventurança diz: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,4). Nessa bem-aventurança, para transmitir os sinais por meio da interpretação dos Salmos, Agostinho destaca novamente o Antigo Testamento:

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”. Esse tema, creio eu, é aquele do qual fala o salmista quando diz: “Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos viventes”. Dá-nos ele aí a entender que se trata de certa firmeza e estabilidade da herança eterna. Lá, onde a alma descansará como em seu lugar próprio, em seu santo amor; assim como o corpo descansará na terra. E lá, ainda, onde ela encontrará seu alimento, como o corpo o tira da terra. Essa herança é o repouso e a vida dos santos. Os mansos são aqueles que cedem diante das injustiças de que são vítimas, que não opõem resistência ao mal, mas que “vencem o mal com o bem”. Portanto, que os homens irascíveis briguem e pelejem pelos bens terrenos e perecíveis, mas “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão em herança a terra”, da qual não poderão ser despojados⁴⁸.

Na *Doutrina Cristã* Agostinho afirma que as coisas são conhecidas por meio dos sinais e sua abordagem se caracteriza como alegoria tipológica, baseada na unidade entre o Antigo e o Novo Testamento e pelo fato de que Escritura interpreta a Escritura. Nesse texto há uma referência entre a terra em que os mansos poderão herdar, que é conhecida por meio das Escrituras com uma tipologia dos Salmos, quando há conexão entre a bem-aventurança com o livro poético pela simbologia das palavras. Os mansos são os que vencem o mal com o bem e o herdar a terra significa herdar descanso eterno: “As palavras escritas da Escritura são sinais que ajudam a dirigir os olhos da nossa mente para as realidades que elas significam”⁴⁹.

Os sinais são elementos importantes na construção do Sermão da Montanha, pois nos conduzem a realidades muitas vezes implícitas. Agostinho faz uso da alegoria tipológica, como fatos que apontam para algo que se repetem, como um padrão ao longo do seu sermão, como em “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5,4), onde o choro, que é a forma de liberar tensões internas, pode ser sinal de luto, de tristeza, de dor e até de alegria. Para Agostinho, os que choram são bem-aventurados, pois são consolados pelo Espírito Santo:

⁴⁷ AGOSTINHO, 2017, p. 24.

⁴⁸ AGOSTINHO, 2017, p. 24-25.

⁴⁹ ZABATIERO; ADRIANO FILHO, SANCHEZ, 2011, p. 45.

Ora, todos os que se convertem a Deus perdem as alegrias fáceis deste mundo, alegrias que tanto amavam neste mundo. Deixam de gozar aquilo que antes os deleitava. Suas alegrias mudam de natureza e, por isso, enquanto seu coração não se inflamar pelo amor das coisas eternas, ver-se-ão aflitos por certa tristeza. O Espírito Santo, porém, logo os consolará. Precisamente por isso, é chamado Paráclito, isto é, Consolador. Em lugar da alegria passageira que perderam, ele os fará entrar na posse da eterna alegria⁵⁰.

O Espírito Santo como consolador transforma a alegria passageira em eterna alegria. Além do Espírito Santo que produz alegria eterna, em “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6)”, serão saciados pela declaração de Jesus, em que seu alimento é fazer a vontade daquele que o designou (Deus Pai) e saciados pela água que produz em todo o que a beber “uma fonte de água jorrando para a vida eterna”. Kelly afirma que o “tipologista levava a história a sério; ela era o cenário da revelação progressiva do propósito redentor e coerente de Deus. Por isso, ele entendia que, desde a criação até o julgamento, era possível discernir na história sagrada o mesmo plano resolutivo; as etapas anteriores seriam sombras ou, para variar a metáfora, rudes esboços preliminares das posteriores”⁵¹. Em Agostinho é possível identificar a seriedade na interpretação dos textos sagrados e a conexão entre os Testamentos, de forma que a Escritura interpreta as Escrituras.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7) é explicado por Agostinho da seguinte maneira: “Os misericordiosos com o próximo atraem para si a misericórdia de Deus, Proclama o Senhor que são felizes os que socorrem os necessitados, pois receberão em troca a libertação de seus próprios males”⁵². Com respeito à próxima bem-aventurança, “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”, Agostinho afirma:

Insensatos são os que buscam a Deus com estes olhos corporais, já que ele somente pode ser visto com os olhos do coração. Assim está escrito: “Buscai o Senhor com simplicidade de coração”. Coração puro é o mesmo que coração simples. E assim como é necessário ter os olhos do corpo sadios, para vermos a luz do dia, assim Deus não pode ser visto a não ser que estejam purificados os olhos do coração, com os quais unicamente podemos contemplá-lo⁵³.

Agostinho usa o termo “olhos” para designar os que buscam a Deus com os olhos corporais e com os olhos do coração, além de comparar a pureza do coração com os olhos do corpo sadio. Como observou Kilian e Molina, “as coisas são simplesmente coisas até o

⁵⁰ AGOSTINHO, 2017, p. 24.

⁵¹ KELLY, 1994, p. 52.

⁵² AGOSTINHO, 2017, p. 26.

⁵³ AGOSTINHO, 2017, p. 27.

momento em que recebem uma atribuição de significado ou de representação dada pelo homem”⁵⁴. Desse modo, amplia-se os sentidos de seu termo “olhos” com uma tipologia e se recupera a expressão “puro de coração” do Sl 23, fazendo uso das Escrituras e expandindo seu sermão com a categoria de *signum*, onde o termo “olhos” era simplesmente um membro do corpo humano. Agora ele recebe uma atribuição de significado e de representação, passando ser a forma com que se contempla a Deus, sendo um sinal de algo maior que si mesmo.

As bem-aventuranças se finalizam com “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Os pacificadores possuem a paternidade de Deus, pois neles nada se opõe a natureza divina, perpetuando a natureza de Deus Pai, submissos a seu poder: “Aos pacíficos é outorgada a semelhança com Deus, porque possuem a perfeita sabedoria e estão conformados à imagem do Criador pela regeneração do homem novo”⁵⁵.

Agostinho interpreta a bem-aventurança “Bem-aventurados os que padecem perseguição pela justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10) como um retorno à primeira bem-aventurança. Em “Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,11-12), Agostinho amplia o significado de “perseguir” como maltratar com violência a outro, ou lhe armar armadilhas como o fizeram aquele que entregou o Senhor e os que o crucificaram⁵⁶. Em “Quando disserem todo o mal contra vós”, mas acrescentou: “mentindo”, e ainda: “por causa de mim”, retorna à primeira bem-aventurança como sua fonte: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3). Essas duas bem-aventuranças se encontram expressamente nomeando o Reino dos Céus.

O texto das bem-aventuranças finaliza-se com “Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus”. Dessa forma, as interpretações de Agostinho são repletas de uso de categorias de *signum* para retratar a recompensa dos bem-aventurados:

Nossa recompensa, que deve ser imutável e eterna, não pode estar situada em esferas mutáveis e efêmeras. Opino estar aí empregado o termo “nos céus” para designar o firmamento espiritual, onde reside a justiça eterna. A alma culpada é chamada, por comparação, de “terra”. Pois foi dito, após o pecado: “Tu és terra e em terra te hás de tornar”⁵⁷.

⁵⁴ KILIAN; MOLINA, 2018, p. 425-442.

⁵⁵ AGOSTINHO, 2017, p. 34.

⁵⁶ AGOSTINHO, 2017, p. 37.

⁵⁷ AGOSTINHO, 2017, p. 38.

O termo “céu” ganha um teor escatológico na alegoria, tornando-se uma figura; o termo possui duplo sentido em seus significados, ou seja, ele é ambíguo, pois além de seu nome próprio a palavra “céu” deixa ser vista apenas como parte do espaço infinito que os seres humanos visualizam, tornando-se um firmamento espiritual, a recompensa dos que buscam o reino dos céus e que são chamados de bem-aventurados.

Considerações finais

Agostinho, transmite em sua teologia as marcas de seu contexto. Sua formação na retórica, a exegese patrística a adesão ao neoplatonismo influenciou seus métodos exegéticos. A referência de Santo Ambrósio em sua conversão contribuiu também para a sua cosmovisão e interpretação alegórica das Escrituras, sem deixar de lado o zelo pela ortodoxia e amor à doutrina cristã. Agostinho ampliou os textos sagrados para alcançar sentidos alegóricos. Ele foi um dos primeiros pensadores a entender a linguagem como um sistema de signos, utilizando a linguagem para transmitir um significado as coisas e, por meio do conceito de *signum*, ampliar o significado, fazendo com que um termo não se esgote e que as coisas sejam conhecidas em seus sentidos mais amplos, além de considerar que as palavras não devem ser tomadas de forma isoladas, mas dentro do discurso. Agostinho manifesta as marcas de padrões interpretativos por meio de traços característicos que se repetem, como a tipologia e o conceito de *signum* presentes em *A Doutrina Cristã* e *De sermone Domini in monte* [O Sermão da Montanha] no Livro 1 de *O Sermão da Montanha e os Escritos sobre a fé*. Estas obras são distintas, mas ambas representam a forma explícita de interpretação das escrituras em Agostinho. Em *A Doutrina Cristã* encontramos os princípios básicos para o entendimento do conceito de *signum*, onde as coisas são conhecidas por meio dos sinais, que pressupõe o uso da tipologia. Os sinais e as prefigurações presentes no Sermão do Monte são interpretados por Santo Agostinho como prática do que foi desenvolvido em *A Doutrina Cristã*.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina S. J. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã*. São Paulo: Paulus, 2002

- AGOSTINHO, Santo. *O Sermão da Montanha e Escritos sobre a fé*. São Paulo: Paulus, 2017. Coleção Patrística.
- AUEBARCH, Erich. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Peter. *Agostinho de Hipona: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2020.
- DE SIMONE, R. J. Filosofia e os Padres. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão*. Trad. Paulo Arantes; Vanuza Helena. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e interpretação metáfora*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.
- KELLY, J. N. D. *Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- KILIAN, Carina; MOLINA, Jorge Almeida. Observações sobre a semiótica de Santo Agostinho. *Sapere aude*, Belo Horizonte, v. 9 – n. 18, p. 425-442, 2
- KING, Peter. *Agostinho sobre a linguagem*. In: MECONI, David V.; STUMP, Eleonore (orgs.). *Agostinho*. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- MECONI, David Vicent; STUMP, Eleonore (orgs.). *Agostinho*. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- RAPÈ, A. Agostinho de Hipona. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SIMONETTI, M. Alegoria. In: DI BERNARDINO, Angelo. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1996.
- ZABATIERO, Julio; FILHO, José Adriano; Sanchez, Sidney. *Para uma Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Fonte Editorial, Faculdade Unida, 2011.